[Recensão a] Alessandro Manzoni, Os noivos, trad. José Colaço Barreiros

Autor(es): Marnoto, Rita

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42402>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0870-8584_10_15

Accessed : 26-Apr-2023 16:35:19

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
de Lisboa

Nova Série
Nº 10
2015

quello patriottico di *All'Italia* che infervorò la generazione di Castilho. Tuttavia, sottolinea Tabucchi, l'interpretazione operata da Pessoa si dirige in direzione del conflitto tra natura e ragione, concentrandosi sull'immaginazione, sull'essere *altro* e, soprattutto, sulla contemplazione dell'infinito come "universo che si riproduce sempre uguale a se stesso", che accoglie in sé anche il tedio "esoterico" di cui l'eteronimia è intrisa. Il commosso *Canto a Leopardi* pessoano altro non è, in fin dei conti, che una lunga serie di interrogativi diretti ("Se è falsa l'idea, chi mi mette l'idea?"), i quali sembrano partecipare – suggerisce l'autore – di una "epistolografia virtuale" che anche Borges, probabilmente, avrebbe condiviso di buon grado.

ANDREA RAGUSA

Alessandro Manzoni, *Os noivos*, trad. **José Colaço Barreiros**, Prior Velho, Paulinas Editora [Colecção Biblioteca Indispensável], 2015, 727 pp.

Sob o título de *Os noivos*, publica-se a tradução do romance de Alessandro Manzoni *I promessi sposi* numa edição nos seus vários aspectos muito cuidada. O volume abre

com um prefácio de José María Poirier e termina com uma biografia de Manzoni de autoria do tradutor, José Colaço Barreiros. Além disso, é enriquecido por uma selecção das xilogravuras que Francesco Gonin realizou para a primeira edição, que saiu em fascículos de 1840 a 1842.

A tradução molda-se ao original italiano com fluidez, de modo a acompanhar o estilo de cada momento do livro, entre os ouropéis barrocos da introdução, a pureza linguística do italiano toscanizado de Manzoni, as inflexões específicas de cada diálogo e toda aquela variedade de tons e emoções que são a seiva das suas páginas. José Colaço Barreiros apoia o seu trabalho no paralelismo entre a sintaxe italiana e a portuguesa, sem se deixar deslumbrar por práticas de transformação que a filologia mostra dispensáveis. Na verdade, na passagem do latim para o italiano e do latim para o português, a evolução destas duas línguas neolatinas seguiu vias paralelas no campo da sintaxe, o que isenta o tradutor de profundas reestruturações frásicas.

O apreço do público português pelo romance de Manzoni não é de hoje e foi imediato. Logo em 1841, Castilho dedica-lhe uma nota nas

páginas da *Revista Universal* (11, 9-12-1841) e no ano seguinte sai a sua primeira tradução portuguesa, assinada por um acrónimo, MPC-CDA. Por sua vez, em 1863-1864 surge nova tradução de Matos de Gusmão, *Os desposados*, feita a partir do francês, e nova edição sairá ainda em folhetim no *Correio Nacional*. Seguem-se, já no século XX, as traduções da Editorial Inquérito e de Os Amigos do Livro.

Mas nenhuma delas resistiu ao tempo. Era pois absolutamente necessária uma versão que trouxesse *I promessi sposi* para o uso do português do século XXI, em conformidade com os requisitos linguísticos e culturais da actualidade e de modo a acompanhar o desenvolvimento que a prática e os estudos de tradução têm vindo a sofrer.

A inserção do romance de Manzoni na “Coleção Biblioteca Indispensável”, dirigida por José Tolentino de Mendonça, mostra, por si só, o valor da obra agora de novo apresentada em língua portuguesa.

I promessi sposi / *Os noivos* insere-se no filão do romance histórico, possuindo porém características muito específicas que o individualizam e o distinguem como obra-prima da narrativa oitocentista. A acção decorre de 1628 a 1630,

entre Adda, o Lago de Como e Milão. Em 1821, Manzoni começa a compilar um dossiê a partir de crónicas e documentos sobre a história de Milão no século XVII. Dois anos depois, está pronta uma primeira redacção do romance que se costuma designar como *Fermo e Lucia*. É ainda um esboço, com digressões, cenas soltas e contrastes entre o bem e o mal, escrito numa linguagem compósita que aglutina palavras toscanas, lombardas e galicismos. Acrescenta-se-lhe a *Appendice storica sulla colonna infame*, com os processos instruídos aquando da epidemia de peste de 1630. Sucessivamente, é objecto de uma profunda reestruturação. Ganha carácter orgânico, um tom harmonioso e, sem o apêndice, é pela primeira vez editado em 3 volumes que saem em 1827, a chamada edição “Ventisettana”.

Mas Manzoni estava ainda insatisfeito e queria pesar e filtrar a língua que tinha usado. Faz então uma estadia em Florença, “per rischiare a roupa no Arno” (‘enxaguar a roupa no Arno’), citando a célebre imagem através da qual se lhe refere. Assim tem ocasião de conhecer melhor a linguagem falada pelos grupos cultos de Florença, para a usar na nova redacção, a de-

finitiva, que é resultado de uma revisão predominantemente linguística. A edição, a expensas do autor (1840-1842), prima pela elegância. É acompanhada pelas gravuras que a Paulinas Editora agora nos apresenta, e também por uma versão mais alargada da *Appendice*, que em 1991 foi traduzida para português por José Colaço Barreiros.

São vários os factores que fazem deste romance uma obra-prima. A procura de uma síntese autêntica entre estética, razão, história e fé, nos termos em que é levada a cabo nas suas páginas, é uma das mais acutilantes questões que se coloca ao homem dos nossos dias. Manzoni acredita que rigor histórico e criatividade autoral podem coexistir na obra narrativa, de forma a desvelar o sentido profundo do humano e os fundamentos da razão e da fé. Um dos contributos essenciais para alcançar esse patamar é o respeito pela verdade histórica na sua completude, de forma a captar e compreender os problemas dos que sofrem, dos que são vítimas de prepotência, enfim, daqueles de que a história oficial não fala. O mal não é, para o escritor, um facto metafísico, mas responsabilidade do comportamento do homem, o qual torna ilegível o

fio racional que Deus derrama na história, com a certeza de que o sofrimento injustamente vivido Lhe pode ser oferecido como remissão dos pecados da humanidade.

Da mesma feita, este intento reclama estratégias que levam as populações de uma Itália linguística e politicamente dividida a fazerem-no seu. Manzoni usa uma língua tanto quanto possível englobante e desenvolve uma matéria capaz de tocar todos os italianos, contando a sua verdade. Identifica essa língua nos termos acima descritos e escolhe um período de caos político e social para situar a acção, a Milão do século XVII em tempos de peste e desgoverno, o que se presta a contar a vida de pessoas humildes, talvez sugerindo um paralelo com a Milão do seu tempo, ocupada pelos austríacos. Não recua, pois, à Idade Média, como tantos dos cultores do romance histórico (de Walter Scott a Alexandre Herculano). Tratar a Idade Média requeria o alargamento do espaço do imaginário narrativo, por se tratar de uma época menos documentada, e Manzoni perseguia uma estética da verdade, da razão e da fé.

Se fosse necessário atestar a eficácia desses propósitos, bastaria evocar as frases, as tiradas e as si-

tuações do romance que, nos tempos que correm, são correntemente usadas na interacção quotidiana dos italianos.

Graças a esta edição, fica assim disponível, em língua portuguesa,

uma obra dotada de uma extraordinária densidade conceptual, que é um marco fundamental da narrativa do século XIX e que continua a atrair o leitor dos nossos dias.

RITA MARNOTO